



Masculinidad e a pedagogia do cinismo: resistência no trabalho com homens que usam a violência de gênero

Ariel Sanchez¹

Estudos sobre homens e masculinidades, apesar de sua dispersão, nomearam dois elementos-chave no momento para pensar em como a masculinidade hegemônica é produzida. Por um lado, eles consideram que "sujeitos nascidos com um pênis" tornam-se homens em uma intensa jornada homosocial e na necessidade de validação por parte de seus pares nesse grupo. Por outro lado, embora pareça contraditório, eles consideram que esta jornada se baseia na negação da masculinidade como uma "marca de gênero". Neste sentido, Jack Hallberstam diz: "A masculinidade só se torna inteligível quando deixa o corpo do homem branco de classe média".

O trabalho em torno destes dois elementos estruturantes da forma hegemônica de se tornar um homem nos permite pensar nas resistências e tensões que os homens cis apresentam quando se trata de questionar suas posições privilegiadas e as relações que existem entre masculinidade e violência.

A partir das diferentes experiências que tenho realizado em meu trabalho, tanto na administração pública quanto no campo da pesquisa acadêmica, tenho interesse em me preocupar fundamentalmente com o lugar ocupado, por um lado, pela persistência do silêncio da "norma", a cumplicidade/controlado no grupo homossexual masculino junto a uma certa pedagogia do cinismo no modelo hegemônico de masculinidade, para possibilitar a questão política da mudança social e a renúncia aos privilégios de gênero.

¹ Diretor de Promoção de Masculinidades para a Igualdade de Gênero do Ministério da Mulher, Políticas de Gênero e Diversidade Sexual da Província de Buenos Aires Membro do Instituto de Masculinidades e Mudanças Sociais.



Como construir políticas de cuidados que incluam homens heterossexuais?
Como repensar as paternidades que intervêm nos cuidados.

O prazer e o consentimento são uma possibilidade nos laços sexuais, afetivos e amorosos? Como podemos produzir formas de habitar a masculinidade fora daquelas complexidades e silêncios machistas que sustentam grande parte das estruturas de desigualdade de gênero e sexualidade? Podemos pensar em uma sociedade que reconhece formas de ser masculino que estão longe do desenvolvimento de uma sexualidade que é sempre "ativa e penetrante"?

Que lugar nós homens podemos ocupar nas políticas e lutas pela igualdade de gênero, ou colocar diretamente do feminismo? Que atividades de cuidado fazemos diariamente? Como nos educamos e nos repensamos como cuidadores? Como desarmamos a dinâmica de cumplicidade macho que tem estado no centro de nossos laços de gênero?

Estas questões, que estão cada vez mais presentes, ressoam na vida cotidiana das organizações sociais, dos espaços educativos, dos sindicatos, etc. Os discursos feministas e a presença cada vez mais freqüente do movimento feminino e da diversidade sexual em todas as áreas pelas quais viajamos necessariamente perturbam a vida dos homens heterossexuais.

Do Ministério da Mulher, Políticas de Gênero e Diversidade Sexual da Província de Buenos Aires e, especificamente, da Diretoria de Promoção de Masculinidades para a Igualdade de Gênero que estou encarregado, nos propusemos o objetivo de construir outras formas de pensar a masculinidade, produzindo outras imagens, outras possibilidades e promovendo formas de vida que já apóiem essas outras práticas.

Pensamos o trabalho em duas linhas centrais: Um, mais ligado à promoção e prevenção, e aí estamos gerando materiais de comunicação, programas educacionais e de conscientização que visam desarmar alguns dos mandatos normativos da masculinidade (auto-suficiência, poder permanente, fuga das



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



tarefas de cuidado e submissão aos outros como elemento estruturante da identidade); e outro, cujo objetivo fundamental é fortalecer estratégias para enfrentar a violência de gênero de forma abrangente, inclui a tarefa de construir espaços nos diferentes territórios da Província de Buenos Aires que buscam o reconhecimento, a responsabilidade e a transformação das práticas de homens que foram denunciados (embora às vezes não formalmente) para o exercício da violência de gênero.